

## Catálogo de autores da Filosofia da Tecnologia - primeira lista - 11/07/2021

Traremos resenhas de autores ligados à filosofia da tecnologia a partir das obras *Filosofia da Tecnologia. Seus autores e seus problemas*, organizada pelo Jelson Oliveira a partir de textos da ANPOF (Caxias do Sul, RS: Educ, 2020) e *Filosofia da tecnologia: um convite*, organizado por Cupani (Florianópolis: Editora da UFSC, 2016).

Da primeira obra, foram analisados seis autores até agora: Gunther Anders, Juan David García Bacca, Albert Borgmann, Mario Bunge, Georges Canguilhem e Gilles Deleuze. Da segunda, trata-se de Ortega y Gasset, Heidegger, Arnold Gehlen, Simondon e Lewis Mumford. São visões panorâmicas e delas destacamos o que mais nos chamou a atenção até agora.

**\*\*Filosofia da Tecnologia: seus autores e seus problemas.\*\***

*Gunther Anders* traz uma visão *antropológica* de um *ser humano sem mundo*, que nasce sem um lugar e que esse deve ser construído pela técnica misturando *antropogênese* e *tecnogênese*. Mas, da evolução técnica para a tecnologia, podemos acabar em um *mundo sem ser humano*, dados os exemplos de usos perversos do conhecimento que podem juntar *niilismo* e nossa *aniquilação*, isto é, seu conceito de *aniilismo*. Anders também aborda nossa *obsolescência* perante a tecnologia e a criação de uma *Technature* que nos torna *objetos da técnica*. Se caracterizado na vertente *determinista* e preocupado com a *ontologia tecnológica*, aponta que a *criatividade* pode ter um papel importante nesse cenário.

*Juan David García Bacca*. Em linhas gerais, nos parece que Bacca faz um *elogio da técnica* entendendo a realidade de modo *tecnocêntrico* e a superação do natural pelo artificial, que tudo transforma em artefatos. É como se a técnica trouxesse uma *ordem artificial e humanizadora* ao Universo, de acordo com os propósitos do homem. Relevante para ele é a *criatividade*, que é tratada como uma *potência criadora* com característica metafísica, um *fim supremo*.

*Albert Borgmann* é filiado a Heidegger com seu *paradigma do dispositivo* e olhar para a *essência do tecnológico* de um ponto de vista metafísico. Em sua análise, a tecnologia nos afasta da realidade e das questões essenciais, que são as *práticas focais* que usam a tecnologia como meio. Borgmann aponta

problemas no \_pós-modernismo\_ tecnológico que se caracteriza pela \_hipermodernidade\_ do \_universo cibernético irreal\_ e que deveria ser combatido por \_relações incorporadas\_ , pela refutação do imediatismo e uma \_análise ética\_ da internet e da quantidade de informação recebida. Mas é uma \_visão otimista\_ que busca o equilíbrio na adoção tecnológica e que em um ponto se aproxima da visão cristã de \_engajamento comunitário\_ e cuidado com o outro.

\_Mario Bunge\_ tem uma \_visão otimista\_ da tecnologia, como campo de conhecimento associado ao científico, metódico e controlado, para \_produção de artefatos eficientes\_ a partir de recursos naturais e sociais e que se aperfeiçoa. Também contribuem \_criatividade e inovação\_ , mas o conhecimento tecnológico, espalhado nas várias, transforma lei científica em enunciado prático. Enfatiza-se a \_tecnologia da informação\_ , embora ele seja \_crítico da equiparação do cérebro com um computador\_. Vinculado à \_tradição iluminista\_ , embora veja os excessos da tecnologia, não foca neles.

\_Georges Canguilhem\_. Aqui trata-se de um \_estudo de caso\_ da técnica de gestação de fetos por máquinas, \_ectogênese\_ , \_que\_ , se sujeita a \_questões éticas\_ , seria defendida por Canguilhem na linha de Descartes. Além disso, mostra o papel de retrovírus em tais experimentos, \_vírus que competem com o homem\_ , \_legitimam a ordem\_ , mas também \_quebra a ordem\_ , \_psíquica e física\_ , que os mantêm e transmitem. Por fim, a \_vida como experiência maquínica\_ mostra que há uma continuidade entre a vida e o homem por meio da técnica.

\_Gilles Deleuze\_. Partindo dos conceitos deleuzianos, já que Deleuze não tem propriamente uma teoria sobre a técnica, há o \_ponto de vista ontológico\_ pelo \_estatuto da diferença\_ : “o Ser é unívoco e imanente à multiplicidade dos entes como diferença”. É a \_noção virtual-atual\_ fundamental da diferença como devir, atualização do virtual dentro do campo imanente. Similarmente, a tecnologia não se esgota no tecnológico, posto que há a \_imanência técnica\_ , um modo nosso de ser, epistêmico, que expressa uma \_multiplicidade tecnológica\_. É a técnica o campo de sentido que permite a compreensão tecnológica que tem \_uma produção planejada e outra impensada\_ , diferencial. A tecnologia se aproxima da multiplicidade e a técnica da univocidade, mas numa relação imanente pois \_a técnica é unívoca\_ como sentido de nossa época, expressada na multiplicidade dos entes tecnológicos.

**\*\*Filosofia da tecnologia: um convite.\*\***

\_Ortega y Gasset\_ fala de técnica e \_produção\_ , trazendo o \_raciovitalismo\_ em que a razão responde \_necessidades vitais\_ por um \_ato de liberdade\_. Além disso, os atos técnicos superam a satisfação pela produção resultado do

**Evaluation Warning: The document was created with Spire.Doc for Python.**

\_projeto\_ que obtém o que não há, gerando uma \_sobre natureza\_. Porém, para ele, visando o viver bem, produzimos o supérfluo e vamos progredindo de acordo com \_circunstâncias\_, já que \_a vida não é dada\_, é um constante problema onde o homem está na \_situação de técnico\_. Ortega y Gasset faz uma distinção em épocas, partindo dos primórdios onde as invenções se dão por acaso, depois na Grécia, Roma e Idade Média, há a técnica dos artesões e produção de instrumentos até o século XX, onde a técnica já não é natural e predomina o \_império das máquinas\_. É aí que ele faz uma crítica dizendo que a plenitude tecnológica pode levar ao \_vazio existencial\_.

\_Heidegger\_ faz uma passagem da técnica tradicional para a moderna. Na primeira, há noções gregas como o \_telos\_ (finalidade) que faz com que uma coisa surja, além da noção irrefletida de \_causa e efeito\_, ou a \_poiesis\_ (produção) que traz à presença algo que há ocorre na \_physis\_ (natureza). Já na segunda, desafiamos a natureza para que ela se torne disponível ao homem. Se os antigos cuidavam da natureza, agora a técnica tem por objetivo \_desafiá-la\_ para que forneça algo para o homem\_. Nessa, até o homem deve ficar disponível, mas, conforme destaca Cupani, para Heidegger ainda haveria uma \_liberdade de resistência\_. Mas, as teses metafísicas e linguagem obscura do autor dificultam a nossa compreensão.

**Evaluation Warning: The document was created with Spire.Doc for Python.**

Walter Dillman, filósofo de um certo devista a estado lógico. Inu, os valem das técnicas para \_transformar a natureza\_ e isso fazendo parte de nossa \_essência\_, já que carecemos de órgãos e instintos de adaptação ao ambiente. Contudo, o caminho da técnica é de substituir o orgânico pelo \_inorgânico\_, que é mais fácil de conhecer racionalmente e experimentalmente e em linha com o \_modo de produção capitalista\_. Ele mostra que há, também, uma técnica sobrenatural, a \_magia\_ que, junto com a técnica, visam facilitar a ação humana e evoluem da ferramenta para a máquina, que dispensa energia humana, até o autômato, com processos autorregulados. Há, nesse caminho \_iluminista\_, uma \_cultura das máquinas\_ e que leva a indústria a viver da \_obsolescência das mercadorias\_ e tem como efeitos um \_prejuízo à nossa dimensão emotiva\_ pois, até a Revolução Industrial, nosso contato com o mundo orgânico trazia dependência das forças naturais e, depois dela, a prioridade do inorgânico não suscita um \_padrão moral\_ que traz consequências negativas para nossa alma. Contudo, como bom conservador, o autor não aponta soluções, segundo Cupani.

\_Simondon\_ trata da \_gênese do objeto técnico\_ que evolui \_do abstrato ao concreto\_ se aperfeiçoando, do artesanal e instável ao industrial, \_mantendo como essência a técnica\_. Quando concreto, se torna independente e se aproxima do objeto natural, todo esse processo mostrado pela \_cultura técnica\_ que esquematiza o funcionamento dos objetos. Ele enumera três níveis no mundo

técnico: elementar, quando o avanço não ameaça hábitos tradicionais, a era da termodinâmica e por fim a \_era da informação\_ que regula e estabiliza o mundo. Para ele, a evolução técnica é análoga a de um ser vivo onde ocorre a criação de um meio para o objeto. Porém, a filosofia deve tentar compreender a \_índole dos objetos técnicos\_ por meio de um \_ensino de iniciação à técnica\_ que forme pessoas capazes de entender a natureza das máquinas e que permita superar nossa \_angústia\_ atual frente às máquinas e compreender os objetos como \_portadores de informação\_, sua história, como resolveram problemas e como o homem foi estabelecendo uma relação prática com o mundo.

\_Lewis Mumford\_ trata da \_mecanização\_, que é um \_ritmo da máquina\_ que nos afasta do \_mundo real\_ por meio de \_abstrações\_ e é favorecida pela \_associação entre a técnica e o capitalismo\_, porém mais em proveito particular. Nas etapas do desenvolvimento tecnológico que ele enumera, passamos inicialmente pelas invenções mecânicas que nos levam a \_deixarmos de ser o motor energético\_ e enriquecem nossa vida, para um período da \_indústria inorgânica\_ baseada em carvão e ferro que degrada a vida humana pela \_exploração e depauperação das pessoas\_. Há então uma \_mudança axiológica\_ que traz aceleração do tempo em busca de ganho para chegarmos no uso da eletricidade e ligas metálicas que, entre conquistas, problemas e compensações, suscita a questão do \_papel da máquina\_ no melhoramento da existência humana. Para Mumford, a máquina é o eixo do progresso tecnológico, mas, pela nossa mente permitindo a criação de artefatos, desde o surgimento da civilização, mas que \_concentra poder e dominação\_. Pois que é o \_mito da máquina\_, então, que nos conduz a uma \_megamáquina\_ constituída de seres humanos e o \_impulso obsessivo de controlar natureza\_ que pode nos eliminar. Diante disso, precisamos de um \_modelo diferente de vida\_ para superar essa condição derivado não das máquinas, mas dos organismos vivos e dos complexos orgânicos (ecossistemas).

Evaluation Warning: The document was created with Spire.Doc for Python.